Volume 5
Peça teatral

Dois corações e quatro segredos

. . . . . .

uma farsa poética

Beto Andretta
Liliana Iacocca

apresentação e organização
Heloisa Prieto

ilustrações
Miadaira

1ª edição
São Paulo, 2003

SALAMANDRA

© 2003 by Beto Andretta and Liliana Iacocca
© 2003 by Miadaira

Coord. editorial: Lenice Bueno da Silva
Assistência editorial: Fernanda M. Brito
Organização da coleção: Heloisa Prieto
Proj. gráfico e edição de arte: A+ comunicação
Ilustrações: Miadaira
Revisão: Rosemary Lima (coord.)
Denise Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Iacocca, Liliana
Dois corações e quatro segredos : uma farsa poética / Liliana Iacocca, Beto Andretta ; ilustrações Miadaira ; apresentação e organização Heloisa Prieto. – 1. ed. – São Paulo : Salamandra, 2003. – (Coleção literatura em minha casa ; v. 5. Peça teatral)

ISBN85-7568-012-9

Bibliografia.

1. Teatro – Literatura infanto-juvenil I. Andretta, Beto. II Miadaira. III. Prieto, Heloisa. IV. Título. V. Série.

03-3093 CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Teatro : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados a
Salamandra Editorial Ltda.
Rua Urbano Santos, 160 – Sala 2
CEP 07182-320 – Guarulhos – SP
Tel.: (11) 6090-1402 – Fax: (11) 6090-1475

Sumário

Apresentação / Heloisa Prieto 4

A montagem da peça 6
Os personagens / Sugestões para o elenco
Idéias para o figurino e a maquiagem
O cenário / Encenação, som, música e efeitos especiais

A peça 13
Prólogo / Primeiro ato / Segundo ato
Terceiro ato / Quarto ato

Notas explicativas 59
Quem foi Mário de Andrade /
Ritmos, festas e tradições
brasileiras presentes na peça

Os dramaturgos, o ilustrador 62

Bibliografia 64

Apresentação *Heloisa Prieto*

"Qual seria a maior de todas as dores do mundo?" Essa foi a pergunta que Edgard Allan Poe, poeta norte-americano (1809-1849), se fez na hora de escrever seu poema mais famoso, "O corvo".

E a resposta que ele encontrou foi: a morte da pessoa amada.

Mas qual seria a maior arma de um poeta contra o impacto do sofrimento? A força de sua arte, capaz de transformar a memória da amada num poema inesquecível.

Antes disso, na Europa da Idade Média, a peste se espalhava rapidamente, ceifando a vida de muitos jovens. A figura da Morte era tão forte que foi transformada em personagem de várias histórias.

Geralmente ela era representada como um esqueleto que carregava uma foice. Além de matar, provocava conflitos, perda de dinheiro, enfim, tratava-se de uma figura muito sinistra, portadora de toda espécie de malefício.

Porém, nessa mesma época, montados em suas carroças, percorriam a Europa os atores ambulantes, mímicos, músicos, malabaristas, que se chamavam grupos de *commedia dell'arte*, os praticantes da "arte da comédia".

Para eles, rir era sempre o melhor remédio. Suas peças, cheias de aventuras, vilões terríveis e namorados ingênuos, funcionavam como uma espécie de magia para quebrar feitiços e proteger dos muitos perigos da vida. Arlequins, colombinas, capitães e outros personagens povoavam os palcos, celebrando a vitória da vida, do bem-estar e da esperança.

Dois corações e quatro segredos

Autora de vários livros de sucesso entre os jovens e crianças, Liliana Iaccoca gosta de escrever como quem conversa com bom humor e muita sinceridade.

Mas Liliana também é atriz teatral e, agora, fazendo uma homenagem ao teatro, sua grande paixão, Liliana, em parceria com Beto Andretta, da premiada companhia Pia Fraus, oferece aos leitores uma peça deliciosa. Na história, uma Morte muito esperta certamente tentará destruir o Amor, mas seus adversários, desta vez, contarão com o auxílio inesperado de um sábio Nego Véio, figura típica do folclore brasileiro.

Muitas das histórias medievais habitam o sertão, preservadas na memória do povo que as ouviu, anteriormente, dos portugueses. Portanto, ao usar a linguagem em versos da literatura de cordel, os autores homenageiam, ao mesmo tempo, nosso folclore e a antiga tradição dos saltimbancos europeus.

Como nos tempos dos comediantes da estrada, Liliana e Beto Andretta nos brindam com uma peça fácil de montar, fácil de memorizar e uma festa para quem quiser assisti-la. Uma farsa poética, quer dizer, uma peça cômica, com poucos atores, enredo curto, mas muita ação e poesia.

E, talvez para nos mostrar que o teatro é uma arte imortal, e o palco, um espaço onde passam diferentes tempos e lugares, colocam de mestre-de-cerimônias ninguém menos que o escritor Mário de Andrade, autor cuja obra cheia de irreverência e humor aproximou os brasileiros de suas próprias raízes.

Descubram segredos, torçam pela vitória do Amor, aprendam "como atar o desatado" e resolver tudo aquilo na vida que "dá nó na cabeça de tanto pensar".

A montagem da peça

Os personagens

(Por ordem de entrada em cena.)

Mário de Andrade *

Felisberto *

Narrador

Manoel *

Milharal (atores-milho)

Coronel Zé das Botas

Manoela *

Padre

Morte

Nego Véio

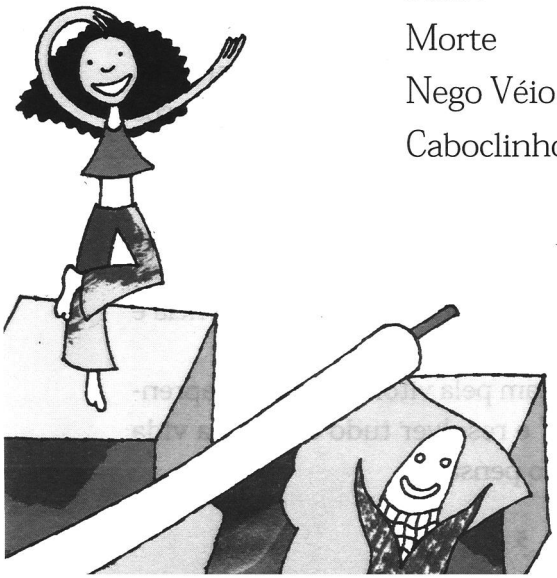
Caboclinhos

Mula-sem-Cabeça

Boi

Marujos

Moça Bonita (Morte)



Sugestões para o elenco

- Os personagens marcados com o asterisco (*), sendo protagonistas (isto é, os mais importantes da peça), devem ser representados por atores fixos na montagem.

- A Morte, que aparece disfarçada de mulher em duas cenas, não deve ser representada nas duas vezes pela mesma atriz, pois isso atrapalharia a surpresa final da peça.

- Os outros personagens podem representar em revezamento, interpretando vários papéis e participando dos grupos que dançam.

- Se o elenco for grande, seria interessante que o Narrador, o Coronel e o Nego Véio também fossem personagens fixos.

- Se o elenco for pequeno, a peça pode ser montada com fantoches, ou os atores podem usar máscaras, confeccionadas com os mais variados tipos de materiais escolhidos pelo grupo, para caracterizar os diferentes personagens.

Idéias para o figurino e a maquiagem

Mário de Andrade, o poeta, é calvo, usa óculos de aros redondos e lentes grossas, veste terno e gravata, é compenetrado e observador.

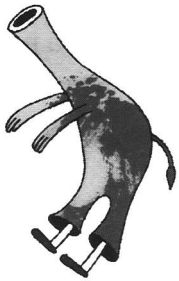
Os **"Atores-Milho"** podem usar camisolas verdes e longas, de pano ou de papel, máscaras, adereços na cabeça, com detalhes amarelos, que simbolizem um milharal.

Felisberto, o assistente, veste-se igual a Mário, como se fosse uma cópia do chefe, mas usa um boné muito colorido na cabeça, é falador e enxerido.

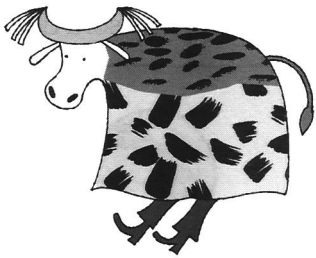
A máscara de caveira da **Morte** pode ser um gorro com buraco para os olhos e desenho de caveira, ou um saco de pano negro, que entra com facilidade na cabeça.

Os **Caboclinhos** vestem-se de índio, com lança na mão.

Os **Marujos** usam uniforme de marinheiro e espada na mão.



A **Mula-sem-Cabeça** pode ser montada com um cabo de vassoura e um pano, jogado por cima do ator que cavalga.



O **Boi** pode ser feito com armação de arame ou madeira, com caixas de papelão ou papel *machê*. O corpo dele costuma ser coberto de fitas coloridas.

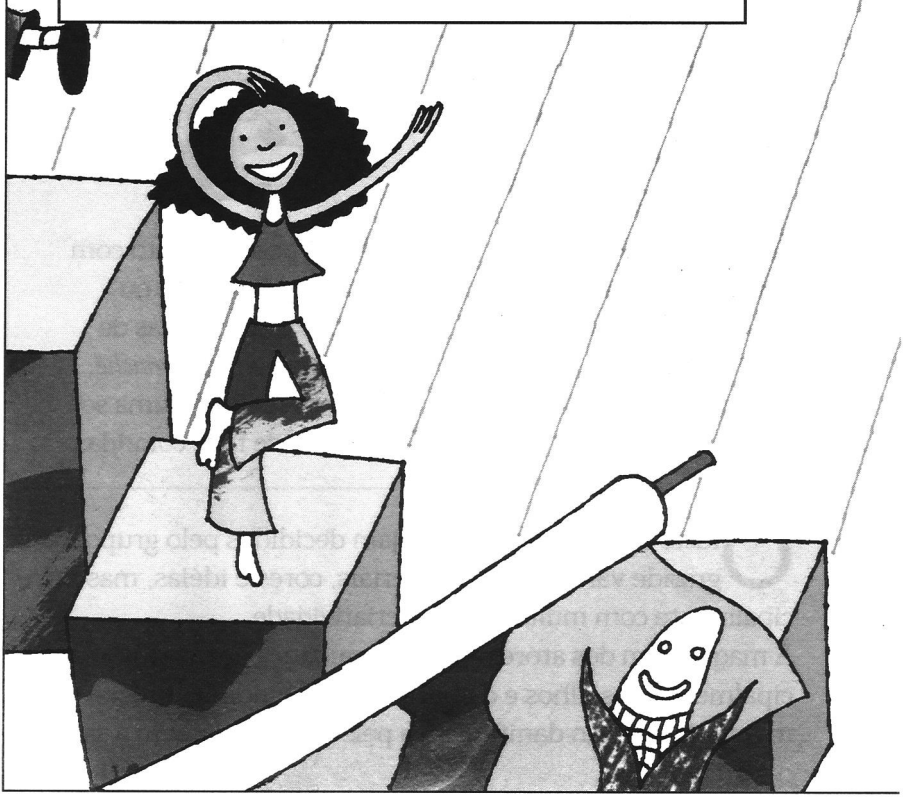
O ideal é que os figurinos sejam decididos pelo grupo, com grande variedade de materiais, cores e idéias, mas principalmente com muita alegria e criatividade.

A maquiagem dos atores ajuda na mudança de expressão, principalmente dos olhos e da boca. Porém, cuidado, procure usar materiais que não danifiquem a pele ou prejudiquem a saúde.

O cenário

O cenário é composto por caixas coloridas (forradas ou pintadas) de diversos tamanhos e cores, com etiquetas de várias localidades brasileiras – nomes de estados, cidades, pontos turísticos – como se fossem baús de viagem.

No início do espetáculo as caixas devem estar arrumadas em uma das laterais do espaço (visíveis para o público) e atrás delas deve ser montado um varal, no qual estará enrolado um mapa do Brasil, que será desenrolado no início da peça.



Esse mapa pode ser desenhado ou impresso em pano transparente, plástico fino ou papel.
É necessário que contenha o traçado de todos os estados brasileiros.
Em várias cenas as caixas serão usadas para os atores sentarem. Uma, duas ou mais caixas podem ficar em cena, disponíveis para os atores guardarem roupas, objetos e adereços utilizados durante a apresentação da peça, incluindo máscaras e bonecos.

Encenação, som, música e efeitos especiais

Este texto pode ser encenado no palco de um teatro, no pátio da escola, na quadra de esportes, na rua, no quintal de casa. Basta adaptar o espaço escolhido e usar e abusar da inventividade.

Qualquer que seja o espaço escolhido, será necessária a presença de um **contra-regra**, isto é, a pessoa que fica fora de cena e controla a entrada e saída dos atores, os figurinos, a música, os sons, os efeitos especiais.

A música pode ser ao vivo, tocada por vários instrumentos musicais ou instrumentos improvisados; em fitas gravadas ou CDs; ou cantada pelos atores.

Os efeitos sonoros, onomatopéias, barulhos estranhos, ruídos metálicos, sons de animais, etc. podem ser gravados com antecedência, representados por um coro de atores ou produzidos com objetos improvisados: apitos, panos e papéis em movimento, panelas...

Em muitas cenas podem ser inventados alguns efeitos especiais na hora da montagem. No caso da nuvem de fumaça, pode ser representada com gelo seco, com vários papéis celofane em movimento, com tules e assim por diante. Vale qualquer invenção!

A PEÇA
PRÓLOGO

(Música folclórica ou até infantil característica da cidade de São Paulo; ou O trenzinho caipira, Bachiana nº 2, Tocata, *de Villa-Lobos.)*

(Mário de Andrade, sentado numa das caixas, como se estivesse datilografando, declama um poema.)

Mário: "O bonde abre a viagem,
No banco ninguém..."

Felisberto: *(Voz fora de cena.)* Seu Márioooooooooooo...

Mário: *(Suspirando.)* Vou sentir saudades dos bondes da minha São Paulo.

(Entra Felisberto aflito com uma maleta de viagem na mão.)

Felisberto: Seu Mário, não é hora de ficar poetando. Estamos atrasados e desse jeito vamos perder o bonde, quer dizer, o trem. Vamos, seu Mário, vamos!

(Som de apito de trem.)

Mário: Tá bom, já vou... *(Volta a declamar.)*

"Eu sou trezentos, sou-trezentos-e-cincoenta, (...)
Si um deus morrer irei no Piauí buscar outro!"

Felisberto: Vamos, seu Mário, o carro está esperando.

(Som de buzina de carro antigo.)
(De dentro de uma das caixas do cenário, Mário pega sua mala, coloca uma máquina fotográfica no ombro e acompanha Felisberto.)

Mário: Ah, estava me esquecendo... me esquecendo da bengala que comprei para enfrentar as dificuldades da viagem. *(Retorna e pega a bengala.)*

(Os personagens Mário e Felisberto movimentam as caixas do cenário: sentam-se nelas, brincam como se elas fossem meios de transporte. Atrás da cena alguém desenrola o mapa do Brasil e, sem ser visto pelo público, encosta uma lanterna acesa no verso do mapa, traçando a viagem à medida que os atores vão fazendo os sons a seguir.)

Mário e Felisberto: *(Fingindo estarem viajando de carro.)*
FOM... FOM... FOM...
(De trem.)
CHUFT ... CHUFT... CHUFT...
PIUIIIIIIIIIIIIIIÍ
(De navio.)
PÓOOOOOOOOOOÓ
(De barco, remando.)
CHOLOFT...CHOLOFT...CHOLOFT...

(A cavalo.)
CLOPT... CLOPT... CLOPT....
(A pé.)
CHACT... CHACT... CHACT...

(A cena congela, e no centro do palco aparece o narrador.)

Narrador: Há muitos anos atrás, o escritor Mário de Andrade e seu assistente Felisberto, partindo de São Paulo, fizeram uma viagem pelo interior do Brasil.

Felisberto: *(Movimentando-se, mas sendo ignorado pelo narrador, fala de enxerido.)* É verdade, é verdade!

Narrador: De carro, de trem, de navio, de barco, em lombo de jumento e a pé quando não tinha outro jeito.

Felisberto: É verdade, é verdade!

Mário: Psiuuuu! Fica quieto, Felisberto!

Narrador: Por aqui, por ali, por acolá...

Felisberto: E ainda acolá de acolá... É verdade, é verdade!

Narrador: Conheceram muitos lugares, muitas pessoas...

Felisberto: *(Estendendo a mão como se estivesse cumprimentando alguém.)* Muito prazer! Muito prazer! É verdade, é verdade!

Narrador: ...muitas festas, muitas danças, comidas e frutas diferentes...

Felisberto: Buchada de bode, macaxeira, pirarucu, pitu, umbu, cirigüela... *(Passa a mão na barriga e solta um arroto.)*

Mário: Olha a educação, Felisberto!

Felisberto: Desculpe, seu Mário.

Narrador: ...e ouviram muitas histórias.

(O narrador sai de cena e entra a música, fora de cena, que pode ser tocada ou cantada pelo personagem Manoel.)

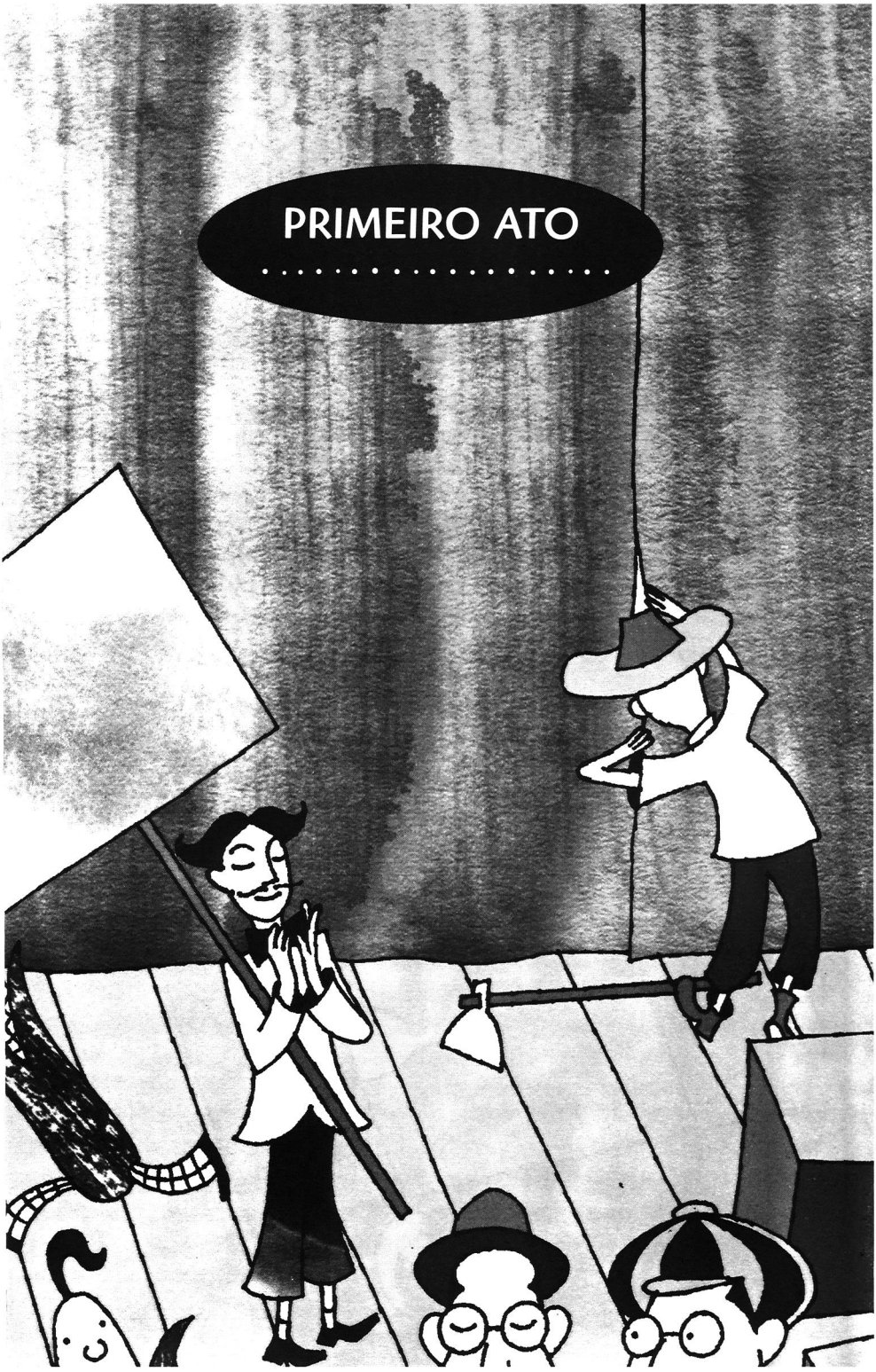
Ei trepa no coqueiro
Tira coco
Chique chique
Nhoque nhoque
No coqueiro oreá!
Eu jogo coco
No balanço desse mar.
O mar balança,
Eu vejo o coco balançar.

Felisberto: *(Ansioso.)* O que será que está acontecendo?

Mário: Fica quieto, Felisberto! Senta aí, que a história vai começar.

(Os dois se sentam nas caixas.)

(Fim do prólogo)


PRIMEIRO ATO

(O verso abaixo vem escrito num grande cartaz. O narrador atravessa a cena mostrando o cartaz e declama o verso.)

Narrador: Nossa história aqui começa
Com Manoel apaixonado.
O coronel Zé das Botas,
Ruim, mandão e malcriado.
A disputa por Manoela,
E um casamento marcado.

(Entra o personagem Manoel com a enxada na mão, dançando e cantando o coco. Mário e Felisberto ajeitam as caixas e sentam-se virados para a cena. Manoel, sempre cantando, joga as sementes no chão, "trabalha" com a enxada e, logo em seguida, aparecem os atores-milho, que formam uma fileira representando um milharal.)

Manoel: *(Olhando satisfeito na direção dos atores-milho.)*
Eta milho mais bonito
Que dá gosto só de olhar!
E até mesmo o coronel
Vai ter que concordar.
Pois a propriedade é dele
E é dele o que eu plantar.

(Entra o terrível coronel Zé das Botas, cheio de cacoetes, nervosinho e autoritário, batendo as botas no chão com força e gritando com Manoel.)

Zé das Botas: Manoel, seu desastrado,
Tu não és bom plantador.
É assim que planta milho
Na terra do seu senhor?
Ô milhinho sem-vergonha,
Coisa ruim de dar dor.

Um serviço tão malfeito
Não merece meu perdão.
Seu pamonha, seu sem jeito
E não quero explicação.
Vai plantar tudo de novo
Se não quer minha punição.

Pois quem manda aqui sou eu,
Que sou rico e poderoso,
E se eu fico zangado
Sou pior do que o tinhoso.
Fora já esta porcaria,
Que estou ficando raivoso!

(O coronel bate as botas no chão com força, como se estivesse pisando no milharal. Assusta os atores-milho, que saem correndo. Ele corre atrás, os atores escapam, ele corre atrás e os atores desaparecem no fundo da cena.)

Manoel: Eta homem malcriado.
Só porque é meu patrão,
Não precisava por isso
Destruir a plantação.
Vou plantar tudo de novo
Mas não acho certo, não.

(Manoel joga novamente as sementes no chão, canta o coco, trabalha com a enxada, e os atores-milho retornam em cena e formam a fileira.)

Manoel: Mas agora eu só consigo
É pensar na minha Manoela,
Pois no mundo, eu te digo,
Não existe flor mais bela.
E eu morro de vontade
Só de um beijinho dela.

(Ouve-se, fora de cena, uma canção de amor entoada por uma voz feminina.)

Manoel: É a Manoela, é a Manoela,
É a minha grande paixão,
Foi a luz dos olhos dela
Que espetou meu coração.
Foi amor imediato
Tempestade e furacão!

(Entra Manoela em cena, toda dengosa e apaixonada, enquanto o coronel raivoso espia o casal, escondido no milharal.)

Manoela: *(De braços estendidos.)* Ohhh... Manoel!

Manoel: Ohhh... Manoela, eu tava agorinha pensando em ti.

Manoela: *(Ela se aproxima.)* Pensando em quê?

Manoel: *(Ele se aproxima.)* Pensando que eu tava com vontade de...

Manoela: De que, Manoel?

Manoel: De te dar um beijinho, mas tão gostosinho, mas tão apertadinho, mas tão quentinho...

Manoela: Pára com isso, Manoel!

(Manoela se faz de tímida, fica envergonhada, mas de repente chega bem pertinho de Manoel e o beija até ele ficar tonto, suspirando.)

Zé das Botas: Eu fico danado vendo
Esses dois se namorar,
E eu vou fazer de tudo
Pro namoro não vingar.
Se eu não casar com ela
Ninguém mais vai se casar.
Ah... Ah... Ah...

Manoel: Manoela, tu casas comigo?

Manoela: Caso, Manoel!

Manoel: Tu casas comigo quando?

Manoela: Ué, depois que tu colheres a plantação, a gente pode se casar.

Manoel: Meu amor, minha querida,
Isso não vai demorar,
O que eu mais quero na vida
É contigo me casar.

Manoel e Manoela: Vamos já nos preparando
E o casamento marcar.

(Declamam em dueto com os rostos encostadinhos.)

Manoel: Vou falar com o padre Bento
Vou marcar o dia e a hora.
De pensar eu já não agüento
E queria que fosse agora.

Manoel e Manoela: Meu coração já treme
Não suporta mais demora.

Zé das Botas: *(Levanta as mãos e fala em altos brados, enquanto os atores-milho tremem de medo.)*
Eu não vou permitir isso
Te esconjuro maldição!
Te dou tudo o que quiseres
Pra impedir essa união.
Que a Manoela seja minha
Quer que queira quer que não.

Dou cachaça, dou farinha
Te dou milho, dou capão.
Te dou boi, te dou boiada,
Te dou terra e plantação.
E se não for o bastante,
Dou também meu coração.

(Escuta-se um estrondo fortíssimo vindo de cima. A cena congela; os atores param, como se fossem estátuas, e silenciosamente saem de cena. Mário e Felisberto permanecem no palco e conversam, enquanto outros atores arrumam o cenário.)

Felisberto: *(Compenetrado.)*
Que história emocionante,
Que bonito versejar!

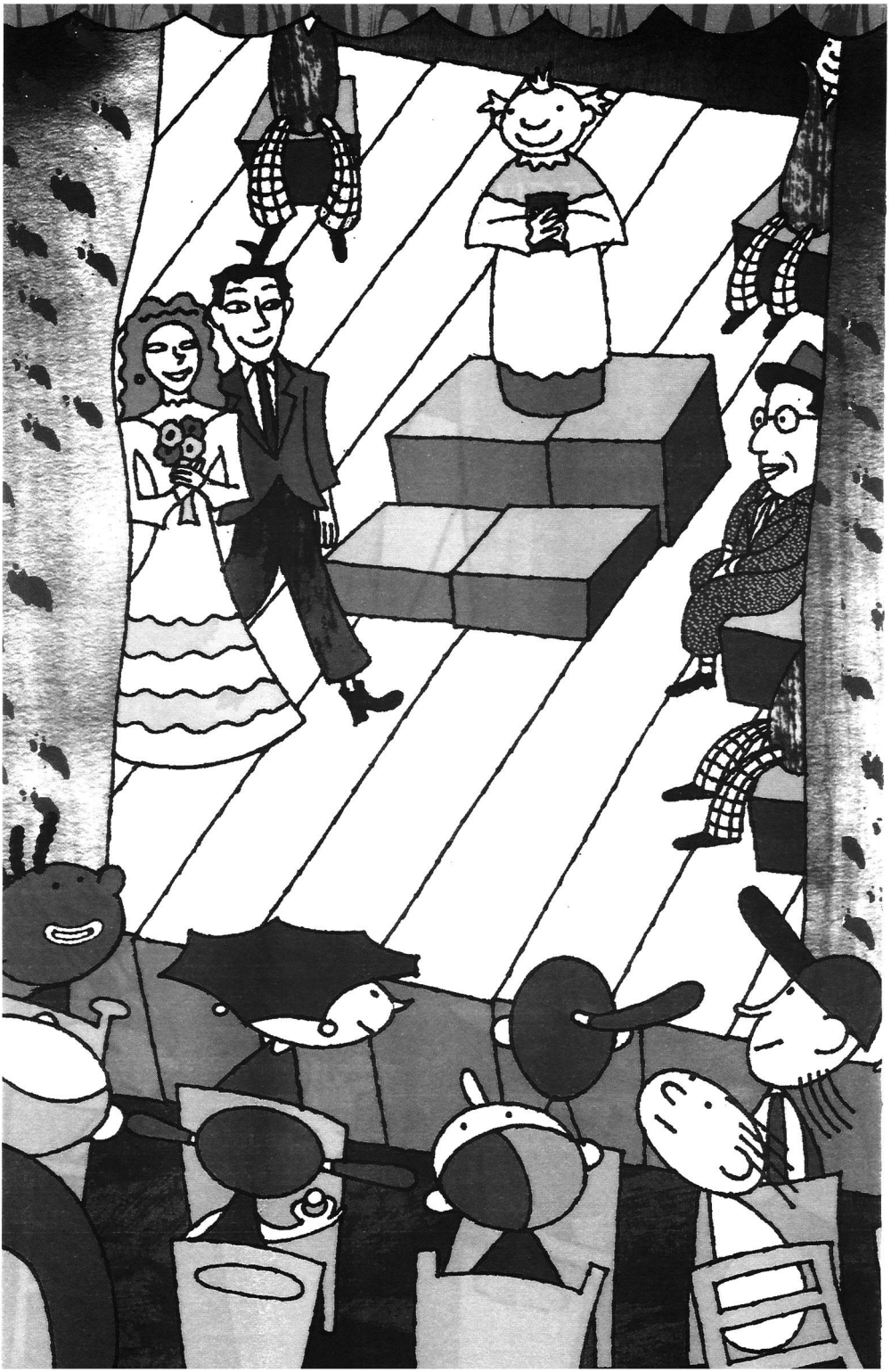
Mário: Realmente interessante,
Vale a pena registrar!

Felisberto: Pra contar pra todo mundo
Quando a gente regressar!

Mário: Com certeza, Felisberto.
Mas agora fique atento,
Pois a história continua.
Vou seguir cada momento,
Sem perder nenhum detalhe
Deste acontecimento.

(Fim do primeiro ato)

SEGUNDO ATO



(Entra o narrador, exibindo o verso abaixo escrito num grande cartaz. Atravessa a cena, mostrando o cartaz e declamando o verso.)

Narrador: Nossa história continua
Com os noivos, padre Bento,
Muita gente convidada
Pra assistir ao sacramento,
E uma figura estranha
Que estraga o casamento.

(As caixas do cenário foram colocadas de modo que sirvam como assentos para os convidados – todos os atores – assistirem à cerimônia de casamento de Manoel e Manoela. Entre eles, Mário e Felisberto. Na frente, várias caixas empilhadas formam o altar, onde fica o padre. Ao som da marcha nupcial os noivos entram, emocionados e felizes.)

Padre: *Abençuadus casamentus*
Sagradorum matrimonium
Celebratus est momentus
Para semper est agorium.

Manoel: Mas, seu padre, eu não entendo
Todo esse latinorium.

Padre: Pois não, claro, desculpe.
Só que antes de eu juntar
Meu ofício me obriga
Aos presentes perguntar:
Tem alguém neste momento
Que tem algo pra falar?

(Uma moça que está sentada no meio dos convidados levanta-se. É a Morte disfarçada, que carrega consigo, escondida nas dobras da roupa, uma horripilante máscara de caveira.)

Morte: Eu, seu padre miserável
Vou impedir o casamento.
Vou levar comigo a noiva
E sumir em meio ao vento,
Para nunca mais ser vista
Por aqui em nenhum momento.

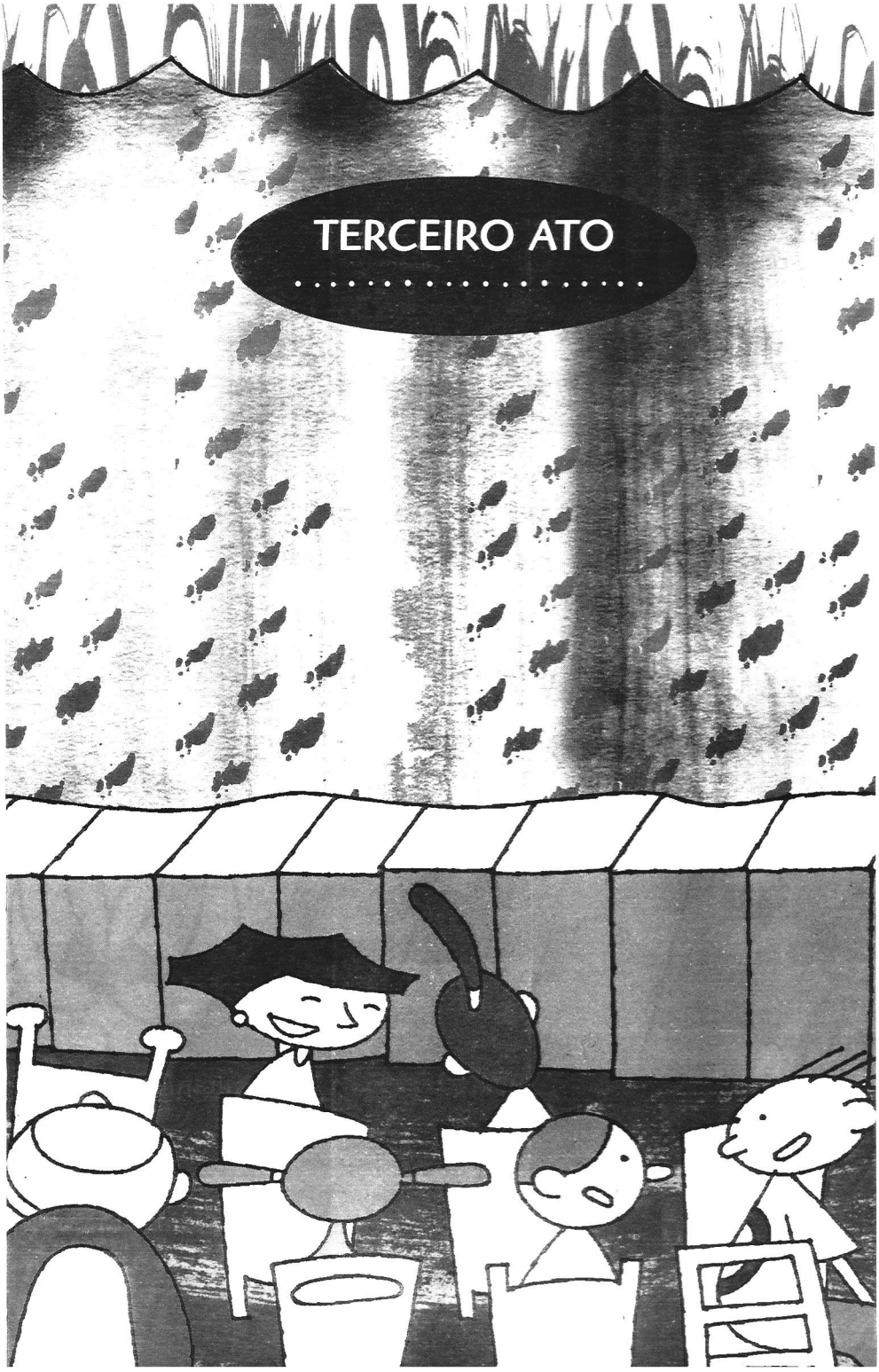
E tu, padre descarado
E tu, moço, ou quem quiser,
Vão levar muita pancada
Porque eu gosto de bater.
Sou a Morte, eu sou malvada
E sou feia de doer.
(Põe a máscara de caveira.)

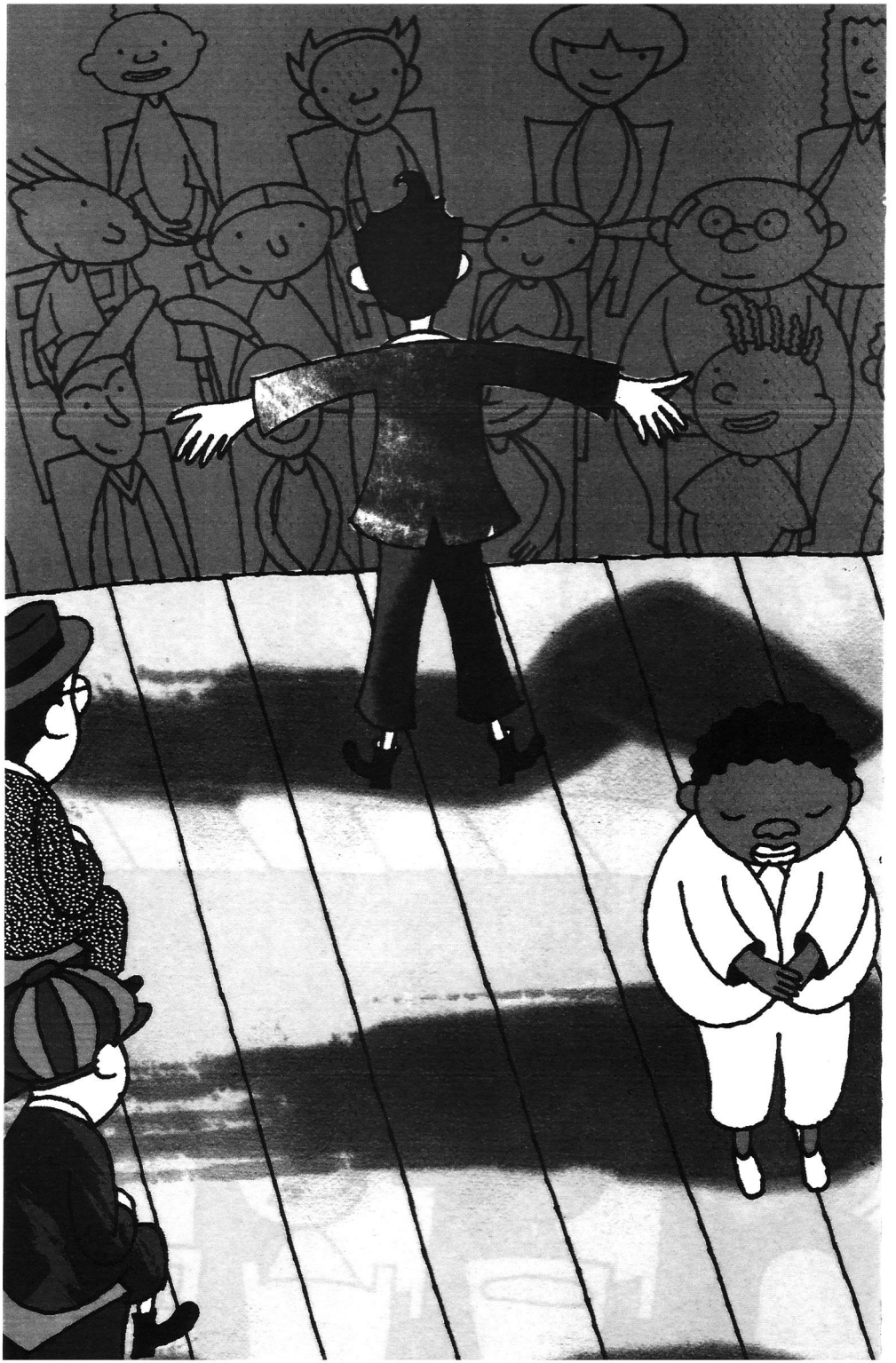
(A Morte, com a máscara no rosto, vira ameaçadora para os convidados, que fogem assustados, agarra a noiva e some com ela no meio de uma nuvem de fumaça. Só Mário e Felisberto permanecem em cena e, enquanto outros atores arrumam o cenário, eles conversam.)

Felisberto: *(Apavorado.)*
Santa minha Nossa Senhora,
De arrepio me gelei!
Nunca tinha visto isso
Nos lugares onde andei.
E fiquei com tanto medo
Que até quase me borrei.

Mário: *(Caçoando.)*
Felisberto, quem diria
Que a você, já homem feito,
Uma história tão bonita
Assustasse desse jeito?
Afinal, lidar com a Morte
Lhe provoca esse efeito?

(Fim do segundo ato)


TERCEIRO ATO



(Entra o narrador, exibindo o verso abaixo escrito num grande cartaz. Atravessa a cena, mostrando o cartaz e declamando o verso.)

Narrador: Nesta parte a história conta
Do Manoel desesperado
Procurando sua Manoela
Para tudo quanto é lado.
Até que alguém aparece
Para ajudar o coitado.

(As caixas foram afastadas, de maneira que o espaço central fique sem nenhum objeto. Mário e Felisberto sentam-se nas caixas. Um personagem está parado no centro do palco, de costas para o público. Manoel entra em cena, solitário e triste, andando de um lado para o outro.)

Manoel: Manoela, Manoela,
O que foi que aconteceu?
Por que a Morte sem-vergonha
Te levou e não devolveu?
Eras tudo o que eu tinha
Meu amor e sonho meu.

Pr'onde foi que ela fugiu?
Onde estás meu coração?
Por que tanta crueldade
Sem nenhuma compaixão?
Mas ainda esta peleja
Ela não venceu, não!

Vou pra lá do fim do mundo
Enfrentar qualquer perigo,
Pra trazer meu amor de volta
Pra viver sempre comigo.
Sem teus beijos, teu carinho,
Eu viver mais não consigo.

(Manoel nota a presença da figura de costas e, emocionado, se aproxima.)

Manoel: Manoela, Manoela...

(A figura vira de frente: é o Nego Véio.)

Nego Véio: Que que é isso, ô menino,
Não consegues enxergar?
Tanta lágrima nos olhos
Confundiu o teu olhar?
Eu sou o Nego Véio
E estou aqui pra te ajudar!

Manoel: *(Gaguejando.)*
Des...des...cul...cul...pe... des...des...cul...pe
si...si...nhô...sa...sa...be...sabe...e...u... eu...
sa...sa...sa... be...

Nego Véio: Calma, calma, ô menino,
Eu sei o que aconteceu.
Foi o coronel malvado
Que com a Morte se meteu.
Fez aliança com ela,
E a confusão se deu.

Manoel: *(Furioso.)*
Então foi o coronel,
Que criou essa confusão?
Ele que chamou a Morte
Pra roubar minha paixão?
Se passar na minha frente
Vou arrancar-lhe o coração!

Nego Véio: *(Tentando acalmar Manoel.)*
Tua fúria, ô menino,
Só piora a situação...

Manoel: Mas me fala, se eu mereço!
Diz qual é a solução!

Nego Véio: Então primeiro te acalma
e depois presta atenção:

(Manoel escuta, concentrado nas palavras de Nego Véio.)

Nego Véio: Ouça agora bem ouvido
O que eu vou te pedir.
Se tu és bicho inteligente,
Já vais tudo descobrir.
E salvar a tua Manoela
Tu enfim vais conseguir.

Aqui está a primeira coisa
Que tu tens que arranjar:
É a parte de uma ave
Que não pode mais voar,
Porque anda com o índio
Que a leva pra dançar.

(Nego Véio vai embora. Escuta-se um ruído metálico, e Manoel fica andando de um lado para o outro, mexendo os braços, colocando a mão na cabeça, balançando o corpo, rodopiando... falando sozinho.)

Manoel: Ave que não pode voar... índio que a leva pra dançar... *(Falando com o público.)* O que será que é que o sinhô Nego Véio quer?

(Manoel interage com o público, perguntando o que será, até descobrir que o Nego Véio pediu uma pena.)

Manoel: É isso, é a pena! É a pena que eu tenho que encontrar! Então já sei onde procurar.
(E sai de cena.)

(Escuta-se fora de cena a música dos Caboclinhos.)

Boa-noite, Capitão-Diretô
Que no seu trono está
Venha ouvir uma embaixada
Que eu desejo lhe dá.

(Cantando e dançando, entram em cena vários atores vestidos de índio, com o rosto pintado de vermelho, penas na cabeça, lanças na mão. São os caboclinhos. Manoel entra atrás

deles e todos dançam ao seu redor, até que ele pede uma pena para um dos índios, que lhe dá. Depois, todos partem cantando e dançando.)

(Escuta-se um ruído metálico e chega Nego Véio.)

Manoel: *(Mostrando a pena.)*
Meu Sinhô, eu consegui,
Aqui está o teu pedido.

Nego Véio: *(Conferindo.)*
Isso mesmo, ô menino,
Já tá tudo conferido.

Manoel: Então o que eu faço com isso
Pra ter tudo resolvido?

Nego Véio: Na hora certa, ô menino,
com certeza, saberás.
Mas uma segunda coisa
Tu terás que arranjar.

Manoel: Mas me fala, se eu mereço,
O que devo procurar?

Nego Véio: A segunda, fica atento,
Pensa bem, não tenhas pressa,
É uma coisa bem gosmenta,
Vem de dentro e fede à beça.
Não é idéia nem pensamento,
Pois a mula é sem cabeça.

(Manoel coloca a pena no bolso da camisa. Escuta-se um ruído metálico e Nego Véio sai de cena.)

Manoel: *(Falando com o público.)* Nossa, vou ter que lidar com a Mula-sem-Cabeça, aquele bicho terrível?! O que será que "vem de dentro e fede à beça" e "não é idéia nem pensamento"? O que será? O que será?

(Manoel interage com o público, até descobrir que o Nego Véio pediu o cocô da Mula-sem-Cabeça.)

Manoel: *(Inseguro e com cara de nojo.)* Eu, catar o cocô da Mula-sem-Cabeça? Ai, que nojo, arghhhh! Será que eu vou conseguir? Será que eu tenho coragem de ir? Vou ou não vou?
(Hesita.) Vou ou não vou?
(Decidido.) Eu vou!

(Manoel enche os bolsos de espigas de milho, coloca um saquinho de couro preso na cintura e sai de cena.)

(Ouve-se um relincho agudo, fora de cena, e entra a Mula-sem-Cabeça galopando e relinchando sem parar.)

Manoel: *(Entra em cena cantando.)*
Sapateia, mulinha,
É ouro só.
Dá pinote, mulinha,
É ouro só.
Faceira, mulinha,
É ouro só.

(A Mula vai se acalmando, sapateia, dá pinote, brinca. Manoel coloca o milho na goela dela e fica esperando que ela faça cocô.)

Manoel: *(Falando com o público.)*
Será que ela vai demorar?
Quanto tempo vou ter que esperar?
(Vai colocando mais milho na goela da mula.)
Vocês não querem me ajudar?
Vamos cantar!

Manoel: *(Junto com o público.)*
Sapateia, mulinha,
É ouro só.
Dá pinote, mulinha,
É ouro só.
Faceira, mulinha,
É ouro só.

(A Mula sapateia de novo, solta uns cocozinhos – podem ser uns bombonzinhos. Dá pinotes, solta mais cocozinhos e sai de cena. Prendendo o nariz com os dedos, apertando a boca, Manoel coloca o cocô da Mula no saquinho de couro que está amarrado na sua cintura.)

(Escuta-se um ruído metálico e aparece Nego Véio.)

Manoel: *(Mostrando o saquinho.)*
Meu Sinhô, eu consegui,
Aqui está o teu pedido.

Nego Véio: *(Abrindo e cheirando o saquinho.)*
Isso mesmo, ô menino,
Já tá tudo conferido!

Manoel: Então, o que eu faço com isso,
Pra ter tudo resolvido?

Nego Véio: Na hora certa, ô menino,
com certeza, saberás.
Mas uma terceira coisa
Tu terás que arranjar.

Nego Véio: Mas me fala, se eu mereço,
O que devo procurar?

Nego Véio: Esta aqui não é difícil
É do jeito que tu queres.
Vem do boi, mas não é chifre,
Não é rabo, não é pé.
Vem de dentro, mas não é tripa.
Só se ouve e não se vê.

(Escuta-se um ruído metálico e Nego Véio sai de cena.)

Manoel: *(Falando com o público.)* É uma coisa que não dá pra olhar e só se consegue escutar. O que será que o boi tem que só se ouve e não se vê? Será que é o pum? O pum todo mundo, bicho e gente tem, o que será que é que só o boi tem?

(Manoel interage com o público até descobrir que o Nego Véio pediu o mugido do boi.)

Manoel: Então vou procurar o boi.

(Pega uma caixinha de fósforos, põe no bolso e sai de cena.)

(Escuta-se, fora de cena, a música do bumba-meu-boi.)

Ora bumba meu boi
Ê boi
Ora samba meu boi
Ê boi
Alevanta meu boi
Ê boi
O meu boi tá cansado
Ê boi

Ora samba meu boi
Ê boi
O meu boi é pintado
Ê boi
Ora bumba meu boi
Ê boi
O meu boi é maiado
Ê boi

(Entra no palco um boi, acompanhado por um cortejo que dança. Manoel entra em cena, acompanha o cortejo e, quando a música pára, tira do bolso a caixinha de fósforos, como se fosse um gravador. Fica na frente do boi e pede para ele mugir.)

Boi: MUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUU...

(Manoel abre a caixinha, põe na frente do boi e fecha. Fica experimentando várias vezes, abre e fecha enquanto o boi muge: Muuuuuuuuuu..., abre e fecha Muuuuuuuuuu...)

(O boi e o cortejo saem de cena dançando. Escuta-se um ruído metálico e aparece Nego Véio.)

Manoel: *(Mostrando a caixinha.)*
Meu Sinhô, eu consegui,
aqui está o teu pedido.

Nego Véio: *(Abrindo e fechando a caixinha.)*
Isso mesmo, ô menino,
está tudo conferido.

Manoel: Então, o que eu faço com isso
Pra ter tudo resolvido?

Nego Véio: Na hora certa, ô menino,
com certeza, saberás.
Mas uma última coisa
Tu terás que arranjar.

Manoel: Mas me fala, se eu mereço,
O que devo procurar?

Nego Véio: Vem das ondas, vem do mar,
O meu último recado.
Pede tu ao marinheiro
Que explique bem explicado
Como é que ele faz
Para atar o desatado.

(Manoel coloca a caixinha de fósforos no bolso da calça, escuta-se um ruído metálico e Nego Veio sai de cena.)

Manoel: *(Falando com o público.)* Onde está esse marinheiro que ata o desatado? No meio do mar, ancorado no porto, namorando o luar? Será que é fácil de achar? O que ele tem que me ensinar? Dá até nó na cabeça de tanto pensar.

(Manoel interage com o público até descobrir que Nego Véio pediu o nó de marinheiro.)

Manoel: Vou já, não quero perder tempo, esse nó eu
faço questão de aprender.

(Manoel joga uma corda no ombro e sai de cena. Entra em cena, cantando e dançando, um grupo de marujos com espadas na mão. Logo em seguida, Manoel se junta a eles.)

Todos: Quem te ensinou a nadar?
Quem te ensinou a nadar?
Foi, foi, marinheiro,
Foi os peixinhos do mar.
Foi, foi, marinheiro
Foi os peixinhos do mar.

(Enquanto todos cantam e dançam, Manoel dá a corda para um dos marinheiros, que, com gestos, mostra como é feito o nó. Escuta-se o ruído metálico e Nego Véio aparece.)

Manoel: *(Mostrando a corda com o nó.)*
Meu Sinhô eu consegui.
Aqui está o teu pedido.

Nego Véio: *(Conferindo.)*
Isso mesmo, ô menino,
Já tá tudo conferido.

Manoel: Então, o que eu faço com isso
Pra ter tudo resolvido?

Nego Véio: Na hora certa, ô menino,
com certeza, saberás.
Agora segue o teu caminho,
Sem medo de errar.

Manoel: Mas me fala, se eu mereço,
a Manoela vou encontrar?

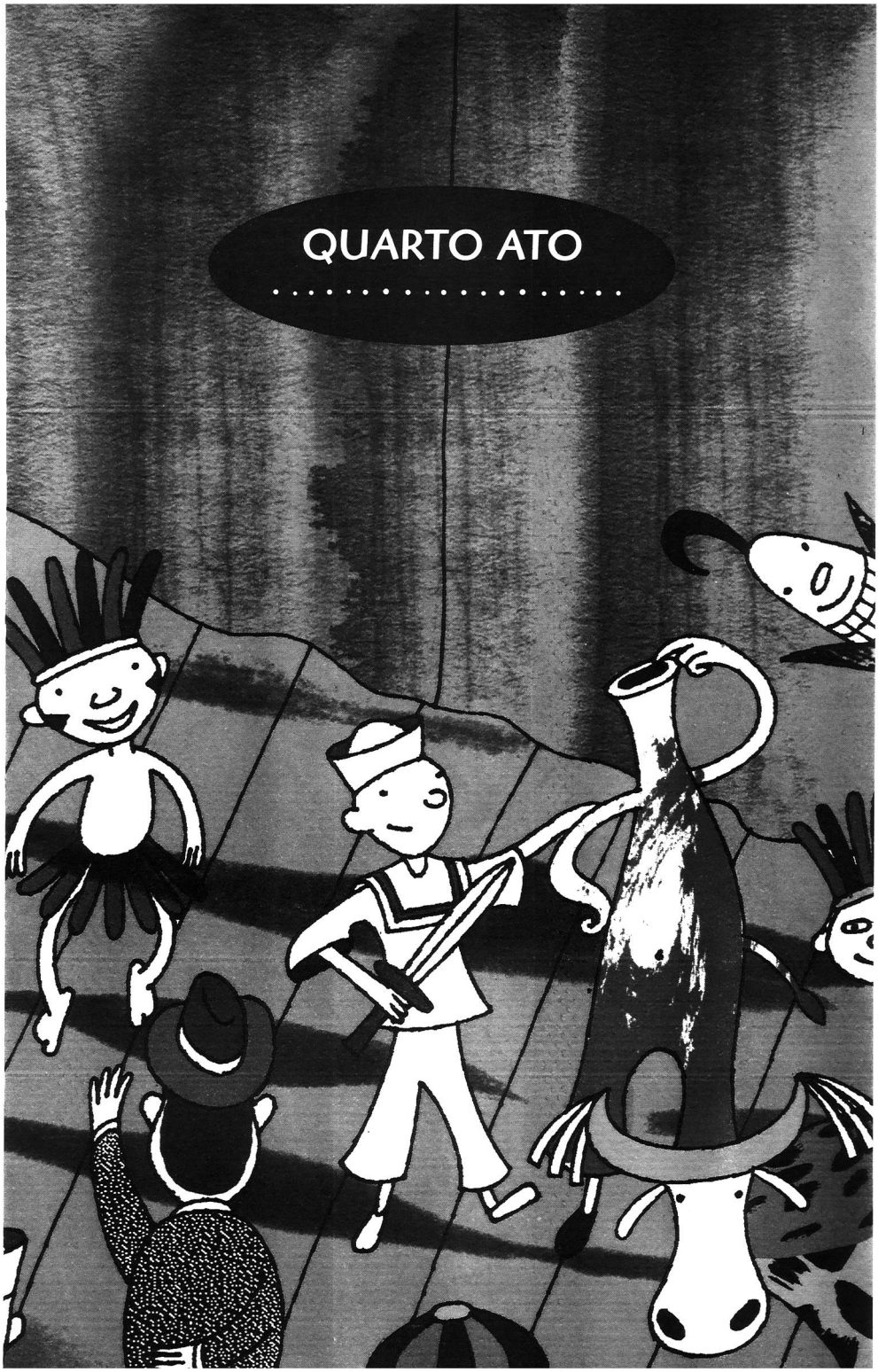
(Nego Véio ignora a pergunta de Manoel e sai de cena, com um estrondoso ruído metálico. Manoel joga a corda no ombro e sai de cena também.)

(Mário e Felisberto conversam, enquanto os outros atores arrumam o cenário.)

Felisberto: Me responda, se eu mereço,
Diga com sinceridade:
Numa história como essa
Cheia de dificuldade,
É o bem que sempre vence
Ou quem vence é a maldade?

Mário: Não fique desanimado,
Meu amigo Felisberto.
Você pode estar seguro
Que no fim dá tudo certo.
É só ter boa vontade
E o coração aberto.

(Fim do terceiro ato)


QUARTO ATO

(Entra o narrador, exibindo o verso abaixo escrito num grande cartaz. Atravessa a cena, mostrando o cartaz e declamando o verso.)

Narrador: O Manoel aqui continua
a seguir sua jornada
Para ver se ele encontra
Manoela, a sua amada.
Mas o encontro será outro,
Numa festa bem animada.

(Toca uma música de forró e todos os atores, com exceção de Manoela e Zé das Botas, entram em cena dançando. Mário e Felisberto estão entre eles. Manoel, com a pena no bolso da camisa, o saquinho na cintura, a caixinha de fósforos no bolso da calça e a corda pendurada no ombro, chega ao baile e fica observando a dança. O volume da música diminui.)

Manoel: O forró está animado
Mas estou triste da vida,
Porque penso na Manoela
Que está desaparecida,
E queria que estivesse
Nesta festa divertida.

(Volta o volume da música. Uma Moça Bonita, que está dançando, não tira os olhos de Manoel, pisca para ele, balança a cabeça, sorri. A música pára e os atores sentam-se nas caixas, que foram colocadas nas laterais do palco. A Moça Bonita chega perto de Manoel, sedutora.)

Moça bonita: O que há, moço tristonho,
O forró não está agradando?

Manoel: Não é isso não, sua moça.
Mas desculpe, eu vou andando.

Moça bonita: Não vai não que a festa está
Só agora começando.

(A Moça Bonita fala com Manoel e não tira os olhos da pena que está no bolso dele.)

Moça bonita: Inda mais eu te conheço,
Já te vi em algum lugar,

Manoel: Me desculpe, estou com pressa,
Tenho alguém pra procurar.

Moça bonita: Então deixa só um pouquinho
Tua pena eu tocar.

Manoel: *(Falando com o público.)* Por que será que ela gostou da pena? O que será que ela está querendo de mim?

Manoel: *(Para a Moça.)*
Se gostaste desta pena,
Deves ter uma razão.

Moça bonita: Não, não tem razão nenhuma,
É só grande atração.

Manoel: Então fica à vontade,
Não precisa explicação.

(A Moça Bonita pega a pena do bolso de Manoel, passa suavemente no próprio rosto, no pescoço, faz expressões misteriosas, esfrega a pena no nariz de Manoel, que fica envergonhado.)

Moça bonita: Eu gostei de ti, ô moço,
Até te namoraria.

Manoel: Uma moça tão bonita...
É verdade, quem diria?

Moça bonita: E tu tens inda um cheirinho
Que me enche de alegria.

Manoel: *(Levanta os braços.)* É esse cheirinho aqui? *(Bafeja.)* É esse aqui? É o chulé? *(Pega o saquinho de couro na mão.)* Por acaso, é esse aqui?

Moça bonita: Hummmmm... *(Ela lambe os lábios, pega depressa um dos cocozinhos e enfia gulosa na boca.)* Hummmmm... *(E vai pegando outros.)*

Manoel: *(Falando com o público.)* Vixe, eu tô todo arrepiado, como é que pode, como é que pode? Uma moça assim, gostar dessa sujeira de Mula-sem-Cabeça? Vixe!

Moça bonita: Hummmmmmmm....
(E passa a pena na boca.)

Manoel: *(Falando com o público.)* Aqui tem coisa! Eu tô arrepiado, desconfiado e assustado, ela tá é querendo todas as coisas que Sinhô Nego Véio me mandou procurar. Aqui tem coisa!

Moça bonita: *(Satisfeita.)* Hummmmmmmmmmm....

Manoel: Então tenho outra coisa,
Que acredito vais gostar.

Moça bonita: *(Animada.)* É verdade?
Então me mostra,
Que estou louca pra provar.

Manoel: *(Tira a caixinha de fósforos do bolso.)*
Está aqui, nesta caixinha,
Mas é coisa pra escutar.

(Manoel abre um pouco a caixinha. Ouve-se o som do mugido do boi: Muuuu... A Moça começa a tremer, mexe os braços, mexe os olhos, a boca; ele abre um pouco mais a caixinha. Ouve-se outra vez o mugido: Muuuuuu... A Moça se contorce toda, faz expressões horríveis com o rosto, tira a língua para fora; ele abre mais ainda: Muuuuuuuuu..., ela treme sem parar, com os braços esticados, o rosto deformado, rodopia, vira de costas. Em seguida, coloca a máscara da Morte, que estava escondida nas dobras de sua roupa, e vira de frente para Manoel, com o dedo apontado.)

Morte: Ah, seu peste desgraçado
Ousas me desafiar?
Podes entregar tua alma,
Que já, já vou te matar.

Manoel: Então ouve e vamos ver
Se este som vais agüentar.

(Manoel abre toda a caixinha. Ouve-se o som do mugido do boi: MUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUU..., e a Morte fica totalmente paralisada. Enquanto o mugido ecoa, ele, aflito, pega a corda e amarra a Morte com o nó de marinheiro que tinha aprendido.)

Manoel: *(Falando com o público.)* Consegui, consegui amarrar o nó!

(Manoel fecha a caixinha, e depois que o mugido pára, a Morte se debate, raivosa, na corda; quer se soltar e não consegue.)

Manoel: *(Cansado.)* Ufaaaaaaa... Ufaaaa... Ufaa...

Morte: *(Debatendo-se.)* Me solta!
Me solta, traidor! Me solta!

Manoel: *(Gritando.)* Onde Manoela está?
Onde está Manoela?
Fala! Fala onde ela está!

(Ele abre a caixinha: MUUUUUUUUUUUUU... e a Morte fica paralisada; em seguida, fecha a caixinha, e a Morte volta a se debater.)

Morte: Chegaaaaaa!

Manoel: Só com um acordo.
Interessa?

Morte: *(Furiosa.)* Não faço acordo nem comigo,
nem comigo, seu, seu, seu...

Manoel: *(Ameaçando abrir a caixinha.)*
Ou eu... ou eu... ou eu...
ou eu abro isso pra sempre!
Nunca mais fecho, nunca mais...

Morte: *(Desesperada.)* Nãoooooooo!
Eu aceito seu, seu, seu...

Manoel: *(Surpreso.)* Aceita, então?

Morte: *(Balbuciando.)* Nãooo...
Quer dizer, quer dizer, sim, sim!

Manoel: Eu vou soltar o nó,
Desatar o que está atado.
E a Manoela quero ver
Inteirinha aqui do lado.
E depois, cada um por si,
E o assunto está encerrado.

(Enquanto ele desamarra a Morte, Manoela, com todo o corpo coberto por um pano branco transparente, entra em cena e lentamente se aproxima de Manoel. Logo em seguida chega o coronel, batendo as botas no chão com força, transtornado de raiva.)

Zé das Botas: Ô, sua Morte mentirosa!
Cara dura de marfim.
Entregaste a Manoela,
Que tu prometeste a mim.
Não se faz isso comigo.
Estás querendo o meu fim?

Morte: Nada disso, Zé das Botas,
Não precisas me xingar.
Pois agora dou certeza,
Sem amor não vais ficar.
Se perdeste a Manoela,
Tens a mim para te amar.

(O coronel sai correndo, fugindo assustado, e a Morte corre atrás dele.)

Morte: *(Gritando.)* Eu te amo! Eu te amo!

(Manoel tira o pano que cobre Manoela e, emocionados, os dois se abraçam.)

Manoela: Oh, Manoel, meu grande herói!
Não cansei de te esperar,
Pois eu nunca duvidei
Que tu vinhas me buscar.
E tudo o que passaste
Vais agora me contar.

Manoel: Por enquanto eu só quero
É contigo me casar,
Para ter a vida inteira
Nossa história pra contar.
Pois o Amor sempre consegue
Sobre a Morte triunfar.

(Abraçados, os dois saem de cena.)

(Mário e Felisberto conversam, enquanto os outros atores arrumam o cenário.)

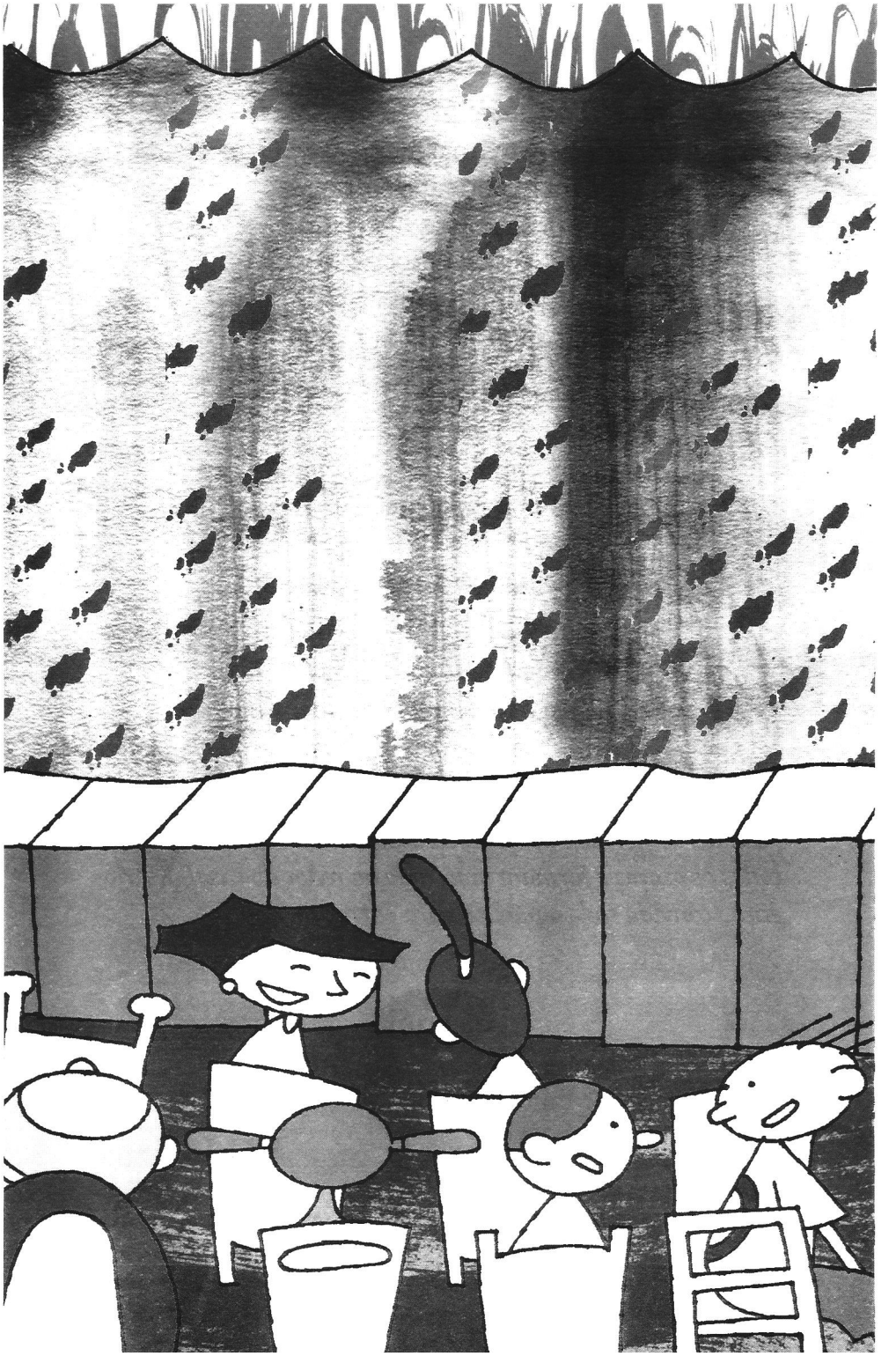
Felisberto: *(Encantado.)*
Teve um final feliz
Esta história tão sofrida,
Com os noivos festejando
Pois a Morte foi vencida!
Tanto amor, tanta poesia,
Vai durar por toda a vida!

Mário: *(Achando graça.)*
Gostou tanto da história
Que aprendeu até a rimar?
Eu também gostei demais
E estou louco pra contar.
Vou guardá-la na lembrança,
Pra São Paulo vou levar.

Mas agora vamos nessa
Que o forró vai começar!

(Entra o som do forró. Manoel e Manoela entram em cena vestidos de noivos e começam a dançar. Em seguida, entram todos os atores e formam uma roda ao redor do casal. Mário então convida todo o público para entrar na dança.)

FIM



Quem foi Mário de Andrade

Mário Raul de Moraes Andrade, escritor e musicólogo brasileiro, nasceu na cidade de São Paulo em 9 de outubro de 1893. É um dos mais importantes poetas brasileiros do século XX, tendo participado ativamente da Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922, e que teria influência decisiva na renovação da literatura e das artes no Brasil. Dedicou um imenso amor a sua cidade natal, da qual fala constantemente em suas obras.

Além de sua intensa atividade literária, Mário dirigiu o Departamento de Cultura do Município de São Paulo, escreveu críticas de música e artes plásticas na imprensa, foi professor de História da Música e de História e Filosofia da Arte.

Pesquisador e estudioso da cultura brasileira, realizou entre dezembro de 1928 e março de 1929 uma viagem ao Nordeste do Brasil, no decorrer da qual reuniu fartíssimo material de pesquisa sobre danças dramáticas, melodias do bumba-meu-boi, religiosidade, crenças, superstições e poesia popular. Essa e outras viagens do autor originaram o livro, escrito em forma de diário: *O turista aprendiz*.

Considerado um dos maiores expoentes do Movimento Modernista, é autor, entre outras obras, de *Paulicéia desvairada* (poesias) e do famoso romance *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*.

Mário de Andrade faleceu em São Paulo, em 25 de fevereiro de 1945.

Ritmos, festas e tradições brasileiras da peça

O coco é uma dança típica do Nordeste brasileiro, principalmente das regiões praieiras, com uma forte influência de batuques africanos. É um ritmo precursor do samba. Os participantes da dança costumam cantar e bater palmas ritmicamente, usando de instrumentos como o ganzá e a cuíca.

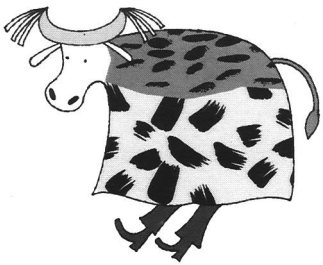
O caboclinho é uma dança de origem indígena, de que os dançarinos participam vestidos de índio, com o rosto pintado, e carregam machadinhas, pequenas lanças ou arcos e flechas. Durante a dança, que representa batalhas ou caçadas, essas "armas" são usadas para marcar o ritmo.

A mula-sem-cabeça, segundo a lenda, é uma mulher que tenha feito alguma coisa "errada" – por exemplo, namorar um padre – e toda noite de quinta para sexta-feira se transforma na mula-sem-cabeça e sai pelos campos soltando fogo pelas ventas e relinchando.

O bumba-meu-boi é uma espécie de ópera popular que mistura dança, música, teatro e folclore. Ela muda de nome nas diversas regiões do Brasil, mas se desenvolve quase sempre em torno da história de como o personagem Francisco rouba o boi de seu patrão para atender Catirina, sua mulher, que está grávida e deseja comer a língua do boi. Francisco é mandado prender, mas os curandeiros conseguem ressuscitar o boi, que se levanta e começa a dançar alegremente.

A marujada, fandango, barca ou chegança dos marujos é uma festa em homenagem aos marujos que acontece na época do Natal. Os personagens, vestidos de marinheiro, cantam e dançam ao som de uma orquestra de cordas. A apresentação costuma se desenvolver em torno da história da nau Catarineta, que teria ficado sete anos e um dia à deriva no mar, com seus tripulantes sendo atormentados pela fome e pelo demônio. Mas, com a ajuda de Jesus Cristo, todos conseguem chegar a seu destino.

Nego Véio, ou Preto Velho, ou ainda Pai João é uma personagem presente nas religiões de origem africana e, também, em várias histórias, anedotas e outras manifestações do folclore brasileiro. É uma figura centenária, de fala enrolada e olhos mansos, que concentra várias personagens: o griot das selvas africanas, contador de histórias e transmissor da tradição cultural; o velho escravo, conhecedor das crônicas de família; o músico cantador, mestre de cerimônias dos jogos e autos populares negros; o rei ou príncipe destronado de monarquias históricas ou lendárias, etc.



Os dramaturgos, o ilustrador

Beto Andretta nasceu em São Paulo, em 1962. Em 1981 fez seu primeiro curso de teatro de bonecos. Já viajou com suas peças por todo o Brasil e por outros catorze países. Escreveu várias delas e trabalhou como ator e diretor em muitas outras – atividades que deram a ele os mais destacados prêmios. Fundou a companhia de teatro de bonecos Pia Fraus (que quer dizer "uma mentira contada com uma boa intenção"), há dezenove anos, com a qual trabalha até hoje. Foto: arquivo do dramaturgo

Liliana Iacocca é paulistana de coração. Sua formação é jornalística e se especializou em edição de revistas de jogos e passatempos para adultos e crianças. Fez vários cursos de arte-educação no Brasil e no exterior e trabalha com atividades que envolvem brincadeiras infantis, jogos imaginativos, criação de personagens, linguagem teatral.

Há mais de vinte anos Liliana escreve para crianças e jovens, além de realizar oficinas em comunidades com difícil acesso a livros – seja com seus leitores, professores, educadores ou pais.

Tem mais de setenta livros publicados, muitos deles premiados no Brasil e no exterior. Foto: Estúdio Lola

Miadaira nasceu em Juquiá, São Paulo, em 1950. Estudou Arquitetura no Mackenzie. Como ilustrador, colaborou com as principais editoras brasileiras. Por suas ilustrações, recebeu diversos prêmios Abril de Jornalismo. Além de ilustrador é também artista plástico. Em seu estúdio na Vila Madalena, São Paulo, cria esculturas, pinturas e ilustrações.

Bibliografia

- Andrade, Mário. *O turista aprendiz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- Cascudo, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2000.
- Os versos declamados pelo personagem Mário, no Prólogo (páginas 15 e 16), são do poeta Mário de Andrade e foram retirados de *Poesias completas*. Belo Horizonte: Editoras Vila Rica Reunidas, 1993.